

CONTINGÊNCIAS DE DOMINAÇÃO MASCULINA ENTRE PROFESSORES E ALUNAS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Yana Linhares (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Carolina Laurenti (Orientadora),
e-mail: yana-linhares@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas, Psicologia.

Palavras-chave: Dominação masculina, controle opressivo, análise funcional.

Resumo:

A dominação masculina, em termos analítico-comportamentais, pode ser entendida como um conjunto de práticas culturais mantidas de geração em geração por meio do controle social, no qual são manipulados reforçadores e punidores de maneira desigual entre os gêneros, favorecendo o masculino. Essas práticas acontecem em diversos contextos, inclusive no universitário, podendo envolver situações de assédio sexual entre professores e alunas. Em vista disso, formas de compartilhamento de situações de abuso sexual cometidos por professores têm sido usadas como estratégia de denúncia, como é o caso da página do *Facebook* “Meu professor abusador”. Esta pesquisa teve como objetivo analisar os relatos verbais das alunas postados na referida página, na tentativa de investigar, ainda que indiretamente, as contingências de dominação masculina no contexto universitário. Por meio de uma interpretação dos relatos com base na análise funcional, foram elencados alguns aspectos mais recorrentes relacionados às situações de abuso: abuso em forma de brincadeiras e elogios, estereótipos de professores abusadores, o caráter gradativo do abuso e a proposta de sexo em troca de notas. Foram descritos os efeitos das agressões sexuais para o percurso acadêmico das alunas, como desistência de matérias, projetos, e, em última instância, da própria vida acadêmica. Os comportamentos das alunas perante o abuso foram também alvo de análise, dentre os quais, se destaca o comportamento de aquiescer, que pode acabar reforçando o comportamento abusivo do professor. Ressalta-se, então, a importância da denúncia, bem como a criação de instâncias na Universidade que possam acolher, encaminhar e discutir casos de assédio sexual.

Introdução

A dominação masculina (BOURDIEU, 2010), em termos analítico-comportamentais, pode ser entendida como um conjunto de práticas culturais mantidas de geração em geração por meio do controle social, no qual são manipulados reforçadores e punidores de forma a promover um acesso e distribuição desigual entre os gêneros, favorecendo o masculino. Apesar disso, não apenas os homens, mas as próprias mulheres podem contribuir para a manutenção dessas práticas culturais opressivas. Por exemplo, muitos

reforçadores sociais só são obtidos quando as mulheres exibem padrões de comportamento condizentes com a desigualdade entre os gêneros, como ser “mulher de verdade”, caracterizado por corresponder ao estereótipo feminino de delicadeza, sensibilidade, abnegação e submissão. Da mesma forma, comportar-se em conformidade com esses padrões pode se dar também por reforçamento negativo, tendo como função evitar ou eliminar eventos aversivos sociais como a desaprovação, o desprezo, o insulto.

A teoria skinneriana defende a concepção de que são as práticas culturais que geram, por meio do controle discriminativo, consequências diferenciais para comportamentos de homens e mulheres que favorecem os primeiros (SILVA; LAURENTI, 2016). O fortalecimento e manutenção de práticas culturais dependeria, então, dentre outros aspectos, da sua transmissão entre as gerações (SKINNER, 1973), sendo que as agências de controle desempenham um papel crucial na transmissão de práticas culturais.

A educação formal propiciada no contexto universitário é um exemplo, já que a Universidade muitas vezes é palco de comportamentos de dominação masculina. Porém, essas práticas nem sempre se dão apenas entre os acadêmicos, visto que vários são os casos de assédio sexual cometidos por professores com alunas na Universidade. Esses, como figuras de influência dos jovens acadêmicos, podem contribuir para a reprodução de práticas de dominação masculina pelos seus alunos e também podem usufruir de seus privilégios na Universidade como forma de silenciar e ameaçar as alunas (ALMEIDA, 2017).

Nesse contexto, formas alternativas de compartilhamento de situações de assédio sexual, como as redes sociais, têm sido utilizadas, como a página do *Facebook* intitulada “Meu professor abusador”. Essa página contém diversos relatos de alunas que passaram por situação de abuso envolvendo seus professores. Os relatos são de todo o Brasil e vão desde o ensino básico até à graduação, tanto em instituições públicas quanto privadas. Informações como as contidas na página são uma importante fonte de análise para identificar comportamentos abusivos. Considerando esse panorama, o objetivo deste estudo foi identificar e descrever as contingências de dominação masculina no contexto universitário, por meio de uma análise funcional dos relatos das alunas publicados na página “Meu professor abusador”.

Materiais e métodos

Foi realizada uma pesquisa documental, cujas fontes foram relatos extraídos da página da rede social *Facebook* intitulada “Meu professor abusador”. Foram utilizados somente aqueles relatos que descreveram comportamentos relacionados a assédio sexual emitidos por professores no contexto universitário, como ofensa verbal (cantadas, xavecos, brincadeiras e comentários sexistas), contato físico sem consentimento (como mão na coxa, tentativa de beijo) e entre outros. Foram excluídos os relatos que se referiam a: outros graus de escolarização como o Ensino Fundamental, Médio e cursinhos; professores de outras instituições como cursos de inglês, por exemplo; relatos que apresentavam outros comportamentos que não de assédio; relatos que

apresentavam comportamentos que não eram emitidos por professores, mas sim por coordenadores, diretores e entre outros.

As informações foram organizadas de acordo com estes parâmetros: (i) transcrição do caso conforme postado na página; (ii) descrição das contingências envolvidas no caso, buscando identificar o antecedente, a ação (topografia) e a consequência tanto dos comportamentos abusivos do professor quanto dos comportamentos das alunas perante esses comportamentos abusivos; (iii) análise preliminar do caso em pauta, valendo-se dos princípios analítico-comportamentais (ex: reforçamento positivo e negativo, esquecimento, extinção, etc.). Com base nessa organização preliminar das informações, foram construídas categorias, que procuraram destacar aspectos indicativos de algum padrão ou regularidade comportamental verificada na descrição dos relatos.

Resultados e Discussão

Dos 614 casos descritos na página, 103 aconteceram no contexto universitário e 93 atenderam aos critérios de seleção, ou seja, 17% do total dos casos. Com a sistematização dos casos por meio da análise funcional, foi possível realizar um levantamento das topografias relacionadas tanto aos comportamentos abusivos dos professores quanto aos comportamentos das alunas perante as situações de abuso. Também foram destacados os efeitos dos abusos para a vida acadêmica das alunas e os comportamentos delas perante os comportamentos abusivos dos professores e o impacto causado por eles. As informações mais frequentes e pertinentes foram arroladas nestes tópicos: i) comportamentos abusivos na forma de elogios e brincadeiras (70%); ii) estereótipos de professores abusadores (26%); iii) o caráter gradativo do abuso (5%); iv) a proposta de sexo em troca de notas e a desqualificação acadêmica das alunas (20%).

Foi constatado que os comportamentos abusivos podem acontecer com topografias socialmente mais sutis como na forma de “brincadeiras” e elogios de atributos físicos das alunas, passando pela desqualificação acadêmica delas, até as mais diretas, como o contato físico. A emissão dessas topografias varia conforme o contexto antecedente, sendo que as brincadeiras e elogios geralmente acontecem na presença de outras pessoas, e as topografias mais invasivas quando a aluna está sozinha com o professor. Constatou-se também uma mudança topográfica gradativa do comportamento abusivo do professor, iniciando-se com elogios das alunas até chegar ao contato físico. Apesar das alunas por vezes se referirem aos professores usando estereótipos, relatando que não esperavam a emissão de comportamentos abusivos por parte de professores considerados “queridões”, “descolados” ou “conservadores”, destaca-se que comportamentos abusivos podem ser emitidos por qualquer professor, não havendo um “abusador típico”. Reforçadores e punidores de que os professores dispõem institucionalmente possibilitam que eles estabeleçam contingências em que a aluna só conseguirá a aprovação ou escapará da reprovação na matéria por ele lecionada aquiescendo, como acontece na proposta de trocar “sexo por nota”. Dessa forma, há um prejuízo no percurso acadêmico das alunas que, estando

expostas a todos esses eventos aversivos, podem até mesmo desistir do curso. Quanto aos comportamentos das alunas perante os comportamentos abusivos dos professores, constatou-se que a grande maioria agiu de maneira a aquiescer, podendo aumentar, inadvertidamente, a probabilidade de o professor continuar emitindo o comportamento abusivo. Algumas alunas relataram que evitaram o contato com o professor, fazendo com que o comportamento dele passasse por um procedimento de esquecimento, que é ineficaz para diminuir a força de um operante; as que enfrentaram o professor recusando suas investidas podem ter colocado o comportamento abusivo em extinção, correndo o risco de enfrentar os efeitos aversivos desse processo (ex: surgimento de reações emocionais como raiva e frustração), e, por fim, as que realizaram a denúncia, criaram condições para que o comportamento do professor fosse punido.

Conclusões

O contracontrole é uma das formas de enfrentar controles sociais opressivos. Para tanto, torna-se importante a utilização da análise funcional, que tem papel de auxiliar na discriminação das diversas formas de controle que mantêm a emissão de comportamentos abusivos, em especial, no caso desta pesquisa, no âmbito educacional. No entanto, para que haja a possibilidade de contracontrole por parte das alunas diante de situações de abuso nas universidades faz-se importante a existência de instâncias na instituição as quais busquem não só acolher e dar os devidos encaminhamentos às denúncias, mas que garantam o anonimato da aluna, a fim de que ela não seja exposta a mais eventos aversivos. Além disso, destaca-se a necessidade de programas que não só ajudem as alunas a identificar situações de abuso, mas que também invistam na prevenção desses tipos de controle social no contexto universitário.

Agradecimentos

À Fundação Araucária pelo apoio financeiro.

Referências

ALMEIDA, T. M. C. Violências contra mulheres nos espaços universitários. In: OLIVEIRA, S.; PORTELA, C.; SILVA, E.; STEVENS, C.; ZANELLO, V. (Orgs.), **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 384-399.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SILVA, E. C.; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. **Revista Perspectivas**, v. 7, n. 2, p. 197-211, 2016.

SKINNER, B. F. **O mito da liberdade**. Lisboa: Edições 70, 1973.